

Esculturas desenhadas *da* parede

Os desenhos que ocupam as paredes do atelier de Pollyana Freire são importantes para percebermos como nascem as suas esculturas actuais e como se autonomizam da bidimensionalidade do papel ou a ela se mantêm ligadas. São desenhos simples e cuidadosos de colorido único, preciso e precioso. Uma forma, que diríamos linear (em geral fechada mas muitas outras vezes aberta e ensaiando diferentes soluções de simetria), destaca-se sobre o fundo branco do papel. Assim, isolada, funciona logo, visualmente, já como um objecto. A artista afirma que, em nenhum caso se trata de estudos directos para a construção das suas esculturas (para isso ela elabora verdadeiros desenhos técnicos que indicam as zonas de apoio, os locais das furações, as dimensões das peças, etc.). Se pensarmos ao contrário, poderemos, em muitas delas, reconhecer sim as formas, os pontos de observação privilegiados ou os coloridos pastel dos desenhos que temos vindo a referir.

O momento actual da obra de Pollyanna representa uma etapa de depuração relativamente às suas esculturas datadas de 2012-13 (Museu da Cidade, Lisboa, 2013, exposição *AR.CO Finalistas e Bolseiros*) quando as formas, mais pequenas, mais intensamente coloridas e principalmente policoloridas, feitas de uma multiplicidade de materiais mais dúcteis (metal, mas também madeira, cerâmica, pvc expandido e papel) admitindo a existência de planos de cor, a associação de diferentes materiais e diferentes soluções formais na mesma peça, preenchem de modo muito denso e diversificado as paredes de suporte. Nesses exemplos percebia-se uma quase vocação de narrativas (ou micro-narrativas) visuais, uma intensa polifonia, como se as pequenas peças dialogassem entre si de um modo caótico e feliz.

Mas, logo em 2014 (no mesmo local e integrando a mesma exposição anual da escola AR.CO, onde se especializou), com peças datadas desse ano e já do anterior, se detecta a evolução que a conduziu às peças actuais de formas menos expansivas mas não menos complexas, com uma disposição de montagem menos densa mas não menos intensa. Os coloridos de cada peça (agora únicos por peça) pedem a cor das outras peças para dialogar, do mesmo modo que as formas (mais estáveis do ponto de vista material, pois todas as peças são em metal pintado) proporcionam individualmente uma multiplicidade de outras formas, consoante o ponto de vista (o jogo de sombras sempre acrescentou esse diálogo) que as torna mais complexas que complicadas.

Regressando ao tema do desenho que percorre, agora de modo mais evidente ainda, esta escultura, diríamos que um olhar rápido ou pouco treinado ou uma tomada de vista a partir de posições frontais às obras pode fazer-nos supor que as peças apresentadas são, de facto, desenhos directos à parede. E, no entanto, se fizermos de novo o caminho inverso e, em vez de olharmos os desenhos como esculturas (a haver), olharmos para as esculturas como garantes desses desenhos ou mesmo como desenhos no espaço (linhas de cor sem preenchimento de planos internos, arestas coloridas de polígonos irregulares que, porque fixados na parede, não podem ser rodeados, funcionando então a parede como papel), podemos supor que a artista procura sempre usar a linha como meio de expressão da terceira dimensão pensando-a como gestos de lápis e régua fora do papel – gestos contidos e, ainda assim, irreverentes ou indisciplinados para com a estabilidade e regularidade euclidianas, numa derivação delicada e não militante de certo construtivismo modernista, questionando, como num jogo de ilusionismo, bidimensionalidade e tridimensionalidade, mobilizando todo o espaço e todo o tempo que existe em redor das peças: o necessário empenhamento do nosso corpo na visualização destas obras e na procura da multiplicidade de resultados visuais de cada estrutura e a interacção de diferentes estruturas entre si cria assim uma geometria espacial variável, de certo modo lúdica, de delicada vibração e feliz destino.